

para um desporto
mais válido... numa
sociedade melhor...

ecumenismo

o que é?

**BERTRAND
RUSSELL**

morreu

a crise soci-
al e desenvol-
vimento eco-
nómico do
mundo

391223

343 143

esboço- 

MARÇO-1970

BOUTIQUE

Gaiola Dourada

MODAS

NOVIDADES

CONFECÇÕES

ALUGA — CHAPÉUS

ESTOLAS E LUVAS

PARA CERIMÓNIA

Rua Afonso de Albuquerque, 115

Tel. 39 60 21

VILA NOVA DE GAIA

Salão Nicho

— DE —

GUILHERMINA SILVA

PENTEADOS

DE

ALTA CLASSE

Telefone, 396000

Rua Elias Garcia, 132

VILA NOVA DE GAIA

Rádio Fersil

FERNANDO GOMES DA SILVA

ESTABELECIMENTOS:

Rua 28 de Maio, 98 — Tel. 982098 — Oliveira do Douro

Rua 5 de Outubro, 266 — Tel. 982298 — Avintes

SERVIÇOS CENTRAIS - ESCRITÓRIOS - EXPOSIÇÕES

DISCOTECA

Avenida Marechal Carmona, 925

(Frente à Câmara de Gaia)

Telefone, 390482

VILA NOVA DE GAIA

RELOJOARIA — OURIVESARIA

ALMEIDA

CONSERTOS EM OURO, PRATA E JÓIAS

EXCUTA TODO O SERVIÇO DE TORNO MECÂNICO,

QUE DIGA RESPEITO A RELOJOARIA

40 ANOS DE PRÁTICA

MÁXIMA SÉRIE E COMPETÊNCIA

RUA ESCURA, 33-R/C

TELEFONE, 34079

PORTO

responsáveis:

joaquim armando

joaquim fílipe

administrador:

francisco fernando

colaboradores:

antónio brilhante

júlio fernando

antónio de rua

joão louro

deolindo floriano

joão frança

gonçalo soares

carlos fernando

edição da secção de in-
formação, editorial e
propaganda

nenhuns direitos reser-
vados.

importante:

os artigos assinados,
são da responsabili-
dade dos seus autores.

esboço-2
pró-revista

boletim dos jovens da
igreja lusitana de s.
joão evangelista
torne - v. n. de gaia
portugal

redacção e administra-
ção:

salão paroquial
rua 14 de outubro, 264
v. n. de gaia

março

1970

não periódica

EDITORIAL

A posição de independência face a todas as correntes de partido, será nossa identificação. Isto sem querermos deixar de comprometer-nos com determinadas tomadas de posição, relativamente aos problemas mais cadentes da comunidade em que estamos inseridos, de Portugal e do Mundo, fugindo assim de uma consciência e mesmo dignidade humana. Antes sentimo-nos numa situação incómoda ao permitir o debate aberto (totalmente ?...) a todas as posições, embora só alinhemos com determinadas...

Parece-nos, nisto, abrir-se contradição. Por um lado não nos identificamos, por outro comprometemo-nos. Isto significa, antes do mais, uma procura constante da verdade (e não temos ilusões quanto a possuí-la ou não. Antes queremos caminhar para ela). Esta procura implica uma permanente crítica e auto-crítica, implica o fornecer de dados não comprometidos com interesses de qualquer ordem (mesmo financeiros).

E contamos aqui com o apoio de todos os leitores, pois que fique bem sublinhado que só com a sua ajuda nós QUEREMOS E DEVEMOS SEGUIR EM FRENTE.

Joaquim Armindo P. de Almeida
Joaquim Armando F. Fílipe

MORREU

BERTRAND RUSSELL



"Três paixões, simples mas profundas, governam a minha vida: a procura do amor, a busca do conhecimento e uma incomensurável pena pelos sofrimentos da humanidade. Isso tem sido a minha vida e achei que valeu a pena vivê-la pelo que de bom grado a viveria novamente se tivesse possibilidade".

BERTRAND RUSSELL

Morreu o combatente aguerrido da Paz. Morreu o lutador genuíno dos Direitos do Homem. Morreu "Sir" Bertrand Russell.

Os homens perderam o criador do Tribunal "Russell" mas jámais, amigos ou inimigos, conseguirão perder ou abafar o grito dum jovem, que da sua vida fez uma procura incessante das realidades que não-de constituir a NOVA SOCIEDADE.

Discordamos de muitas das posições que assumiu mas reconhecemos em Russell o homem defensor dos oprimidos, o homem defensor da Liberdade.

Os seus livros, especialmente "Os Crimes de Guerra Americanos no Vietnaam", mostram até que ponto foi (e vai!) o seu querer dinâmico, a sua avidez pela Paz.

A morte levou o corpo do matemático eminente, do escritor laureado, mas nunca conseguirá ceifar o seu espírito.

Morreu o homem. Mas ficou o exemplo.

Joaquim Armindo P. de Almeida

Joaquim Armando S. Fílipes

a crise social e desenvolvimento económico do mundo

Em nenhuma outra fase da história da humanidade foram tão tensas as relações entre os homens. As tensões sociais, os conflitos ideológicos, as competições económicas e as fricções políticas entre grupos, classes e países, atingiram nos nossos dias uma tremenda intensidade, ameaçando de forma assustadora a paz a tranquilidade e a própria sobrevivência da civilização. Mas, se por um lado, nunca foi tão difícil a convivência do homem com o próprio homem, por outro lado nunca alguns homens se esforçaram tanto para vencer essas forças desagregadoras--estes conflitos e divergências-- no interesse supremo da humanidade. Por toda a parte temos homens de boa-vontade que se empenham com obstinada energia na tarefa ingente de criar no nosso mundo um clima de melhor entendimento--de compreensão e tolerância -- no qual possa germinar e frutificar a verdadeira paz entre os homens.

Infelizmente o número daqueles que trabalham pela união universal no interesse comum da humanidade ainda é relativamente pequeno e as suas mensagens não puderam ainda impor uma directriz firme à trágica desorientação política dos nossos dias. As vozes isoladas dos verdadeiros apóstolos da paz ou se perdem abafadas pelo ingente alarido dos pro-

fe da guerra e da destruição mais numerosos e mais bem armados para defender as suas mensagens de intolerância e de incompreensão, ou são mal interpretadas e mal compreendidas. São vozes um tanto estranhas porque as suas mensagens se contra-põem a muitos conceitos e preconceitos considerados como definitivos e estratificados na consciência colectiva. São vozes heterodoxas que não podem afinar com o coro ortodoxo da maioria ainda imbuida de princípios arcaicos, oriundos de eras passadas e cujo significado se vai tornando cada vez mais vazio nesta fase de revolução social que o mundo atravessa.

Porque a verdade impossível de se ocultar apesar de tudo, é que o mundo atravessa um período de crise e revolução social de carácter universal. E esta crise agrava ainda mais as divisões sociais produzindo também uma grave cisão entre o comportamento e atitude mental dos homens de pensamento, dividindo-os em dois grupos: uma maioria da rectaguarda, conservadora e ortodoxa, e uma minoria de vanguarda, progressista e heterodoxa.

Como a revolução social se apresenta aos olhos daqueles que olham o mundo com objectividade como um facto confirmado, impossível de ser suprimido ou negado de acordo com



desejos, preferências ou interesses individuais, parece-nos que a conduta dos pioneiros componentes da minoria clarividente é batalhar para que as suas heresias heterodoxas sejam admitidas o mais cedo possível pela maioria desorientada e preplexa ex face da violenta transformação social que se vai processando diante dos seus olhos atónitos. É esta a ordem natural das coisas. Confirma e afirma o pensador norte-americano Richard V. Gregg "quase tudo o que hoje é considerado como hortodoxo em política, economia, arte, religião e outros sectores das actividades humanas foram originariamente heresias de indivíduos". Não admira pois, a resistência que o mundo apresenta sempre diante das inovações que surgem com o progresso social. Inovações que assustaram porque não tomaram em consideração os velhos sistemas, os antigos estilos de vida e os valores culturais vigentes, ainda no começo do nosso século, estão hoje inteiramente superadas. Também não admira que em pouco tempo, com a transmutação que ora se processa, se cria um novo estilo de vida no qual serão incorporados ao património hortodoxo muitos conceitos actualmente tidos como revolucionários ou heréticos.

É possível que algumas das ideias apresentadas neste artigo possam ser assim consideradas. Os seus objectivos, no entanto, obrigam-nos a arcar com estes riscos e a aguardar a marcha dos tempos para um julgamento sereno por parte dos próprios factos históricos.

Um dos factores constantes e efectivos das terríveis tensões sociais reinantes é o desequilíbrio económico do mundo, com as resultantes desigualdades sociais. Constitui um dos maiores perigos para a paz, como para a tranquilidade da ordem, o profundo desnível económico que existe entre os países economicamente bem desenvolvidos de um lado e, de outro, os países insuficientemente desenvolvidos. Desnível este que se vem acentuando cada vez mais intensificando as disereções sociais e gerando a inquietação a intranquilidade e os conflitos políticos e ideológicos.

Esta consciência da desigualdade económica e social do mundo e o conhecimento das causas que a provocam, e tentam mantê-la, constitui o motivo principal das agitações naciona-

listas, das revoltas e guerra de libertação económica que constituem o quadro mais explosivo da revolução social em marcha.

A verdade é que os povos chamados subdesenvolvidos já se apercebem da profunda contradição existente entre os preceitos morais de igualdade, fraternidade e humanitarismo pregados e defendidos pelos teorizantes da civilização ocidental e a crua e cínica disputa pelo lucro a que se entregam os grupos mercantilistas dominantes nos países bem desenvolvidos e industrializados do mundo. Daí a sua suspeita e a sua hostilidade ao colonialismo e ao imperialismo branco, símbolos da exploração económica que instalou no mundo a fome e a miséria numa escala sem precedentes em toda a história da humanidade. E o que é mais grave numa fase da história do mundo em que a técnica e a ciência prometeram um reino de felicidade e de abundância, através da utilização racional dos recursos materiais. Mas, longe disto, a nossa civilização mecanicista, depois de saquear o mundo de tal forma que já reconhece oficialmente que se estão a esgotar as riquezas fundamentais do planeta, confessa, agora, a sua bancarrôta e aconselha os povos marginais a restringir a sua natalidade, afim de que sejam poupados os restos do assalto em benefício dos actuais grupos privilegiados. É bem claro o mecanismo fisiológico que faz com os povos subdesenvolvidos principalmente os da Ásea, se revoltam contra esta política neomalthusiana que o mundo ocidental lhes quer impôr como uma nova forma de escravidão-- a escravidão imposta à raça e não apenas aos indivíduos. Não se pode deixar de compreender a justa revolta dos povos mais pobres, diante da insinuação de que devem deixar de se reproduzir para que seja mantido o equilíbrio ora em perigo entre as possibilidades naturais e as necessidades vitais das populações do mundo. Primeiro, porque não pode interessar a estes povos miseráveis a manutenção de statu quo no qual a sua participação no banquete da terra foi sempre reduzida a algumas migalhas atiradas, de quando em vez da farta mesa dos ricos. Segundo, por não lhes parecer razoável procurar restabelecer o equilíbrio exactamente à custa dos mais desequilibrados, daqueles que até hoje mais sofreram as consequências desse desi-

quilibrium. Terceiro, porque sendo o desequilíbrio uma consequência social dos defeitos e erros das conjunturas económicas vigentes, impostas pelas grandes potências que até hoje exploram economicamente o mundo, cabe a estes mentores da economia mundial encontrar uma solução para a crise e não transferir o encargo para os povos até hoje dominados pela força económica dessas grandes potências. O grande economista Colin Clark exprime bem este estado de espírito dos povos coloniais e subdesenvolvidos diante da economia ne-malthusiana quando pergunta "Não o homem deve ser encarado como um fim ou um meio? Se a economia foi feita para servir o homem ou o homem para servir a economia?". E quando afirma a seguir que "não se pode ter a exaltação na resposta, nenhum líder político por mais poderoso que seja, nenhum economista por mais sábio que se julgue, tem o mais leve direito de interferir no nascimento das crianças. São os pais das crianças que têm direito de exigir dos Primeiros-Ministros e dos economistas que organizem o mundo de maneira que as crianças possam dispor de alimentos suficientes para se nutrir". Tem a nossa civilização procurado agir neste sentido? Tem-se feito alguma coisa substancial para promover o desenvolvimento económico e social dos países subdesenvolvidos e para combater a fome e a miséria neles reinantes? Infelizmente temos que reconhecer que o realizado até hoje é bem pouca coisa diante da grandeza da importância e da urgência da tarefa. Tarefa gigantesca da qual dependem de maneira decisiva, a segurança, a tranquilidade e a felicidade dos povos. Nenhuma expressão tem tido maior ressonância nos cenários internacionais e nas formulações de planos de salvação do mundo do que a expressão desenvolvimento económico. O desenvolvimento económico constitui a panaceia preconizada hoje em dia para salvar a nossa civilização apossada pelo dilema da super produção e do subconsumo, ou seja, da riqueza no meio da miséria. Os organismos das Nações Unidas e os congressos internacionais discutem a fundo o

assunto fixando novos conceitos levando novas classificações e delineando novos tipos de política visando o desenvolvimento económico de cada país, isoladamente, e do mundo tomado no seu conjunto unitário. Daí os planos elaborados internacionalmente para promover o desenvolvimento económico de cada região e de cada país.

Embora o desenvolvimento económico de cada país deva constituir uma responsabilidade nacional, é evidente e fora de dúvida que, sem uma ampla cooperação internacional, é bem difícil que este desenvolvimento se processe em ritmo desejável nos países pouco desenvolvidos, deforma a preservar o equilíbrio político e social do mundo. A escassez das poupanças internas e a necessidade de inverter as suas disponibilidades em bens de consumo para satisfazer as necessidades básicas das suas populações impacientes por elevar os seus padrões de vida, torna bem difícil aos países subdesenvolvidos sair dos seus exclusivos esforços do ataleiro económico em que jazem entretidos. Por maiores que sejam, esses esforços anulam-se diante dos obstáculos quase intranponíveis, ligados à instabilidade de mercados para os seus produtos primários e às dificuldades de obter divisas para o equipamento técnico da sua economia.

Sem inversões maciças nas zonas subdesenvolvidas, não será possível promover o seu adequado desenvolvimento económico e no mundo continuará a apresentar no seu conjunto um panorama económico de subdesen-



...a contribuição... com as despesas com a preparação da guerra ...

Viagem à mesa do café

Empregados de colarinhos amarelos, laço preto muito ajustado, andam num constante vai e vem, servindo o "cafézinho" para os habituais clientes. Senhoras, fazendo tricot e bisbilhotando a vida dos outros, ocupam duas mesas a um canto, pois é mais acolhedor devido ao aquecedor que está próximo. As chavenas de chá tremem nas mãos nervosas e enregeladas. Ao lado, um grupo de "que nada fazem" muito conhecidos pelas piadinhas grosseiras, dando festival de risadas provocantes e estúpidas, cravando cigarros uns aos outros. Os velhos reformados metidos nos grossos sobretudos queixam-se do frio que lhes traz o mal dito reumático.

Eu, estou muito interessado em resolver os meus exercícios de Matemática. Malditos que me dão cabo da cabeça! O diabo aconselha-me calma pois vai fazer reformas no ensino.

Olho o horizonte! O meu pensamento, leva-me a debruçar sobre o mundo em que vivemos, para me mostrar os podres desta sociedade corrupta.

Nigéria! Vietnã! Médio Oriente! - apresentam-se com as suas terríveis marcas de guerra. Milhões de crianças, homens e mulheres, padecendo de grandes males, morrem por falta de alimentos, medicamentos e pela força das armas. Toneladas de bombas são utilizadas para um único fim: a destruição.

Sem dúvida que as guerras são um grande meio de comércio para as grandes potências do mundo, aumentando também as contas bancárias dos grandes acionistas.

Greves de estudantes e operários, em sinal de protesto, pedindo para lhes serem concedidos os seus direitos. Grandes manifestações contra o racismo e a guerra, pe-

dindo a unidade dos povos.

Na Índia continua a haver fome devido às "vacas", e em Portugal a sua carne é vendida por bom preço. O "Reino da Patagónia" continua dando banquetes sumptuosos e no Mundo há pessoas que não têm uma côdea de pão. Fortunas fabulosas se gastam com asidas à Lua. A ciência do homem lança-o em busca dos outros planetas. Já se fazem sociedades (anónimas) para a compra de terrenos "lunáticos". Pois como o problema da habitação ainda não tem solução, a Lua pode ser explorada para "propriedades horizontais e cidades satélites"!(?)

Mas a ambição do homem continua, pois como a sociedade é materialista, procura todos os meios onde possa encontrar um negócio que lhe continue a encher os cofres.

O dinheiro é a base dos grandes negócios.

Onde está o Mundo cheio de bondade, amor e felicidade que os nossos pais falaram quando éramos pequenos? Fomos enganados! A nossa constestação principiou, ao vermos o ódio, a maldade e a desunião neste cruel mundo em que vivemos. Deixemos as nossas posições comodistas e pomposas as estruturas podres que sustentam a sociedade em que vivemos. Sem distinções de raças, crenças religiosas ou políticas, Caminhemos de mãos dadas para um "mundo melhor" onde possa haver Paz, Amor e Liberdade.

António Brilhante

"CASA da mariquinhas"

RUA S. SEBASTIÃO, 25 • PORTO

a casa onde o fado acontece...



elenco artistico:

ALICE AGUIAR

DE LISBOA

actuou na **CASA TIPOIA**

CASA FOLCLORE

ADEGA MACHADO

HEITOR GIL DE VILHENA

artista do music-hall em BARCELONA (FADISTA)

FOTOGRAVURA

ANTÓNIO COUTO

- FOTOGRAVURAS
- ZINCOGRAVURAS
- FOTOZINCOGRAVURAS
- MONTAGENS
- GRAVURAS EM COBRE
- ETC...

RUA DAS FLORES, 45 - 3.º D.º

TELEF. 32097

PORTO

"OIKOUMENE" o que é?

A palavra "Oikoumene" tem sido usada por muitos grupos protestantes e ortodoxos desde a conferência Internacional Missionária de Edimburgo, Escócia, em 1910, e especialmente desde a fundação do Conselho Ecuménico das Igrejas em Amsterdão, Holanda, em 1948. Na Igreja Católica Romana a palavra "Oikoumene" foi divulgada mundialmente através da histórica assembleia do Concílio do Vaticano II, que se realizou em Roma de 1962 a 1965.

Mas apesar do uso e da transmissão literal da palavra até aos confins do nosso planeta, ainda parece com respeito a esta expressão.

Esta incompreensão torna-se evidente e é demonstrada por uma completa ignorância do termo. Assim, mais do que uma vez, recebemos cartas dirigidas a: Centro Económico, Figueira da Foz, e por todo esse país pedem-nos para soletrar a palavra!

Outras vezes revela-se-nos a suspeita e até a hostilidade quando alguns protestantes dizem que há ecumenismo no momento em que os próprios protestantes comprometem os seus princípios e a sua religião para tentarem ser como os católicos romanos. Estão a vender as almas, afirmam esses, e não se pode confiar neles. Por outro lado, alguns dos nossos amigos católicos afirmam que um católico-romano conservador faz a mesma declaração em relação a padres e leigos progressistas, pois que comprometeram a sua integridade doutrinária ao associarem-se a protestantes heréticos.

Em casos extremos, há a ideia e a acusação de que o Ecumenismo tem qualquer elo com o Comunismo, e até, que é um movimento satânico.

Eu apenas cito estas incompreensões para mostrar quão amiúde a Igreja (Protestante, Católica-Romana, Ortodoxa) não consegue comunicar nem com os seus membros, nem com a sociedade em geral.

É muito interessante notar que a palavra "Oikoumene" ou "Ecuménico" na sua origem grega, era uma palavra secular sem qualquer significação religiosa-- significava muito simples-

mente "O Mundo Habitado".

• sentido da palavra modificou-se e chegou ao significado actual--"A Igreja Universal em Todo o Mundo Habitado".

Mas, num sentido, esta não foi a melhor evolução da palavra. A evolução foi apenas boa no sentido religioso ou eclesiástico. Talvez hoje devamos atentar uma vez mais no significado das palavras de Paulo: "Deus estava em Cristo reconciliando o Mundo consigo próprio". Eu creio que é significativo compreendermos que Deus veio à terra como ser humano, como parte deste mundo secular, não só pela Igreja ou mesmo pelas pessoas religiosas, mas para reconciliar todo o "Mundo Habitado" o "Cosmos", o "Oikoumene". Assim, deve reconhecer-se que há uma estreita relação entre Ecumenismo e Reconciliação. A grande necessidade de Oikoumene--"O Mundo Habitado"--é a reconciliação, como tem sido desde o começo da história humana. Se duvidamos, tudo o que temos a fazer é agarrar no jornal da manhã, sintonizar o rádio ou a televisão, e aí lemos, ouvimos e vimos uma grande falta de reconciliação, guerras e boatos de guerras, uma grande falta de reconciliação do homem com o seu próximo, do homem consigo mesmo (o problema crescente de doenças mentais), do homem com a criação (o uso da natureza com fins destrutivos). Tudo isto é um reflexo básico da falta de reconciliação humana ou da separação do seu Criador.

O Oikoumene ainda precisa de reconciliação--esta é a razão por que chamamos ao Centro Ecuménico Reconciliação. Esta é a razão por que, na noite da Dedicção do Centro, em 22 de Junho de 1969, tivemos um Encontro Ecuménico intitulado "Ecumenismo e Reconciliação", no qual participaram o Dr. Eugene Carson Blake, Secretário Geral do Conselho Ecuménico das Igrejas (a quem o Papa Paulo VI visitou em Genebra, em 10 de Junho de 1969), e o Bispo de Coimbra, D. Francisco Rendeiro



DEVEMOS INCLUIR NESTA RECONCILIAÇÃO TODO O MUNDO

"OIKOUMENE"-O QUE É ? (conclusão).

e outros pastores e padres de Portugal e de Espanha. Mas, uma vez mais, afirmo que o nosso objectivo não é procurar expressar reconciliação apenas entre as igrejas e as pessoas religiosas. Devemos incluir nessa reconciliação todo o mundo.

Como Cristo viveu, morreu e ressuscitou no e pelo mundo, "Oikoumene", nós, como cristãos, devemos aprender a servir e dar-nos a toda a humanidade. Esta é, possivelmente, a melhor maneira de compreender o verdadeiro significado do movimento ecuménico; quando compreendermos a nossa missão no e pelo "Oikoumene", nós compreenderemos que, como cristãos, devemos apreender a unir-nos para levar a cabo a nossa verdadeira missão no Mundo. Realmente, a Igreja Cristã é uma pequena organização minoritária na face da terra !

Sob este aspecto, algumas das nossas diferenças parecem ser pequenas e insignificantes, revelando, normalmente, falta de amor e de espírito de compreensão.

Isto não significa que deveríamos pôr de lado as nossas diferenças básicas, apenas para obter uma "unidade superficial". Provavelmente existirão sempre algumas diferenças, o que não quer dizer que não possamos aprender a amar-nos uns aos outros, e a trabalhar juntos. Há normalmente, até um casamento, diferenças básicas entre marido e mulher. Mas uma pessoa ilustrada disse: "A Reconciliação é a aceitação e a organização dos conflitos". Devemos aprender a encontrarmo-nos com toda a espécie de pessoas, protestantes, católicos, ortodoxos, agnósticos, ateus, muçulmanos, budistas, políticos, apolíticos, etc.! Cristo viveu e morreu por todos!

Se compreendermos isto, o movimento ecuménico está a tentar mostrar ao mundo que em Cristo há reconciliação do Homem com o Homem, do Homem consigo próprio, do Homem com a Natureza e do Homem com o seu Criador.

Frederick H. Bronkema

NOTA- Transcrita com a autorização do autor de "O DEVER" - 25/10/69, a págs. 22 e 21.

Errata-(1) na 16ª linha "haver uma falta de compreensão"

As palavras e o HOMEM

A verdade? Todos desejam escrever com verdade.

Eu também gostaria de dizer aos leitores, tão bem como a mim mesmo, quando e como se escreve a verdade.

O primeiro óbice que nos surge é que entre o desejo de sermos verdadeiros e o conseguir-se a verdade vai uma distância razoável.

A verdade é uma realidade em movimento.

Para a atingir-mos não devemos vê-la como que separada do homem ou do estudo de problemas humanos mas sim ligada a eles continuamente. Cada homem e cada estudo têm a sua percentagem de verdade. O ideal para nós é encontrá-la na sua máxima força. A meta que pretendemos atingir é, portanto; a maior percentagem de verdade.

Dizer que um homem tem a verdade toda é tão errado como afirmar que não é possível atingi-la. Sabemos como os homens são diferentes uns dos outros, como um mesmo raciocínio pode parecer lógico a um indivíduo e absurdo a outro. Isto faz-nos pensar que para encontrar a isenção e conhecimentos, o método será a chave para encontrar a verdade.

O que há a fazer então? Assimilar todos os dados do problema, escaloná-los por ordem de mérito, de aparecimento, etc. e ir analisando cada um no seu desenvolvimento até tirar conclusões.

Um detective, por exemplo, dá importância a todos os pormenores de um caso, mesmo os mais ínfimos, pois sabe como tudo se relaciona e como por vezes, as coisas mais simples levam à descoberta de um problema.

Ele utiliza, claro está, um método científico nas suas investigações. E esse método ainda pode ser melhorado tanto quanto mais cientificamente for aplicado.

Durante esta abordagem à verdade, o Homem não contraria o carácter emocional que possuem todas as suas investigações, não precisa apagar com a esponja de um frio raciocínio

a tendência natural para se emocionar. Antes, pelo contrário, o indivíduo capaz de ajudar a tarefa colectiva de resolver os problemas humanos é aquele onde mais harmoniosamente se concentram múltiplos aspectos. Ele especifica os seus conhecimentos e esclarece-se progressivamente.

Daqui concluímos que, para atingir a verdade, o homem não precisa subtrair-se qualquer valor humano mas, sim, adicioná-lo com determinadas ferramentas. Está diante de um trabalho que vai realizar. Com reflexão e a soma de experiências passadas que outros homens, igualmente interessados na verdade, lhe legaram, este homem é um trabalhador diante da sua tarefa.

Quem se excita não vê as nuances de uma dada cor, a emotividade se não é controlada pela reflexão, leva-nos a esquematizar o mundo em que vivemos.

Quem não participa das controvérsias e nunca soube enfrentar os seus contrários, nunca solicitou aos estudos, às reflexões, a sua real eficácia.

O trabalhador intelectual está, pois, diante do horizonte largo, mutável, da verdade. E não pode sonhar em aprisioná-la e ficar seu dono porque a verdade está sempre a fazer-se, está em desenvolvimento constante. Mas um homem bem apetrechado com a ferramenta subtil das ideias claras, está mais próximo dela que outro, por exemplo, que não teve tempo ou não quiz aperfeiçoar os seus conhecimentos.

Assim, ao tomarmos um assunto para discussão devemos ter em conta todo o organismo complexo que o rodeia. Porque as coisas desenvolvem-se pela sua energia própria e ainda pelas contingências externas ao objecto. Há dois movimentos distintos num mesmo objecto: o movimento interno, a sua dinâmica molecular e o movimento que lhe foi imprimido ou mudança de sítio.

A maior parte dos erros de apreciação que ainda hoje persistem devem-se a não ter presente a verdade fun-

para um desporto mais vá- lido... numa sociedade melhor..



Depois de ter lido notícias comen-
tando os insucessos das acções ten-
tadas para a formação de um sindica-
to de futebolistas, comecei a pen-
sar acerca da dignificação do fenô-
meno desportivo, que envolve aspec-
tos como relações sociais, profissi-
onais, jurídicos, etc..

Essa dignificação tem de se fazer se
não a médio ou longo prazo deixará
de se usar a palavra desporto que
será substituída por outras mais o-
bjectivas, tais como: espectáculo,
negócio, festival, etc..

Mas um desporto digno, válido em
quê? Quando penso em validade não
me refiro especificamente à sua qua-
lidade técnica, porque tênicamente
o desporto tem sofrido um extraordi-
nário incremento, mercê de apuradas
técnicas e do aperfeiçoamento dos a-
parelhos necessários à sua prática.

Mas o desporto é praticado por ho-
mens que têm direitos que são reco-
nhecidos universalmente, e os quais
não têm sido devidamente respeita-
dos. Nesse aspecto o desporto tam-
falhado, pois, como noutra altura a-
nalisei, ele não se encontra ao ser-
viço do homem, da sua emancipação e
consequente promoção. Ainda assim ve-
jamos a que linha de orientação ou
a que finalidades se adaptam as pro-
ibições de entrevistas e censura de
declarações por parte de clubes a a

tletas? E o sistema de transferên-
cias e o sensacionalismo que o envo-
ve? Para quê páginas inteiras, as
horas de rádio, dedicadas não ao
fomento do desporto, ou seja - à sua
análise, crítica, estudo - mas ao
desfile de "casos", ao alimentar de
ilusões, ao vetetismo, etc.?

Se analisarmos estas questões che-
garemos a conclusões interessantes
e verificaremos que realmente há ou-
tros interesses pouco visíveis, mas
bem orientados não para a promoção
do praticante, mas para a sua re-
tenção e para alienação de todos :
atletas e não atletas.

Reparemos também que existe uma or-
todoxia de pensamentos, já devida-
mente instalados formando concei-
tos bem estratificados. Assim é com
a maior naturalidade que se limita
a liberdade de um atleta procurar
melhorar as suas condições, esco-
lhendo outro clube. Esses conceitos
tendem também a não considerar o pa-
pel do desporto de grande importân-
cia social.

Mas o desporto válido em que penso,
válido pelo seu valor técnico e pe-
las suas qualidades formativas tem
de actuar no seio da sociedade, por
que não se pode conceber desporto
separado dos homens e homens separa-
dos do meio em que vivem. Claro

que haverá um mútuo condicionamento mas se os homens são os meios, têm de passar a ser fins, numa sociedade que então estaria encarando a sério o seu progresso e a sua melhor expressão.

Mas tenhamos em mente que a formação desportiva é somente um dos factores do desenvolvimento integral dos indivíduos. De nada serve tentar uma promoção desportiva quando existem múltiplas carências de ordem afectiva, cultural, económica, etc.

Portanto já é tempo de se pensar um pouco mais sobre o desporto, suas implicações, relações, e tentar preencher a lacuna que é a inexistência de uma sociologia desportiva.

Júlio Fernando Monteiro de Castro

AS PALAVRAS E O HOMEM (conclusão da página 13)

damental da transformação.

Numa época em que os jovens procuram explicar-se num meio de forças antagónicas, a verdade é um oásis no deserto das palavras vãs. Só ela mitigaria esta sede enorme de saber que os mais novos têm.

Mas também não desconhecemos que, precisamente, em tais épocas, se torna mais difícil conhecê-la.

Cláudio A.

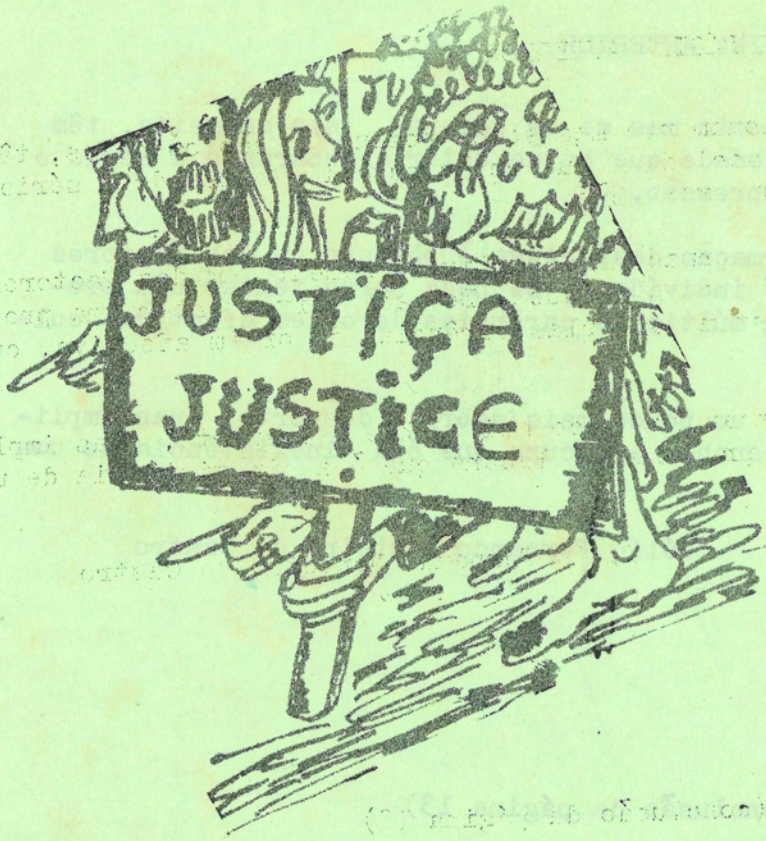
A CRISE SOCIAL E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICO DO MUNDO (continuação da pág.7)

volvimento: com todos os riscos temores e sofrimentos que esta frustração social acarreta à humanidade. Mas apesar de toda a evidência de que não é mais possível ao mundo permanecer neste estado de coisas, não têm as grandes potências procurado colaborar, como era de esperar, para uma melhoria substancial desta situação analisemos mas detidamente o que se passa nos nossos dias.

O desenvolvimento das regiões subdesenvolvidas não pode fazer sem a base de um fluxo intenso de capitais, tanto públicos como privados, oriundos das zonas mais ricas do mundo. Ora esse fluxo tem-se tornado, no período de após-guerra, cada vez mais escasso. Segundo os cálculos da ONU, a contribuição média anual de capitais estrangeiros investidos nas áreas

subdesenvolvidas tem sido da ordem de 1 e meio biliões de dólares quando seria necessário para mudar o nível da produtividade destas áreas, um mínimo de 15 biliões. Ao lado da escassez de capitais, trabalha também negativamente, a escassez da assistência técnica de toda a ordem. É verdade que as agências especializadas das Nações Unidas como a F.A.O., a UNESCO, a WHO, a UNICEF e outras várias se empenham em duras batalhas contra a fome, a miséria, a doença e a ignorância de enormes massas de população. Mas os seus esforços são praticamente anulados pela externa exiguidade dos seus recursos diante da extensão dos trabalhos a realizar. Basta referir que os orçamentos de todas essas organizações reunidas, prefazem um total de cerca de 150 milhões de dólares, quantia insignificante se a compararmos com

_____ página 25



esta- tu- to do

Artigo 1. Fica decretado que agora vale a verdade
que agora vale a vida
e que de mãos dadas
trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo 2. Fica decretado que todos os dias da semana,
inclusive as terças-feiras mais cinzentas,
têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo 3. Fica decretado que, a partir deste instante,
haverá girassóis em todas as janelas,
que os girassóis terão direito
a abrir-se dentro da sombra;
e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro,
abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo 4. Fica decretado que o homem
não precisará nunca mais
duvidar do homem.
Que o homem confiará no homem
como a palmeira confia no vento,
como o vento confia na ar,
como o ar confia no campo azul da céu.

Parágrafo Único: O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.

Artigo 5. Fica decretado que os homens
estão livres do jugo da mentira.
Nunca mais será preciso usar
a couraça do silêncio
nem a armadura das palavras.
O homem se sentará à mesa
com o seu olhar limpo
porque a verdade passará a ser servida
antes da sobremesa.

HOMEM

Artigo 6. Fica estabelecida, durante dez séculos, a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de outrora.

Artigo 7. Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da caridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.

Artigo 8. Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e não saber que é a água que dá à planta o milagre da flôr.

Artigo 9. Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu amor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.

Artigo 10. Fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do traje branco.

Artigo 11. Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

Artigo 12. Decreta-se que nada será obrigado nem proibido. Tudo será permitido, inclusive brincar com os rinocerontes e caminhar pelas tardes com uma imensa begônia na lapela.

Parágrafo Único: Só uma coisa é proibida:
amar sem amor.

Artigo 13. Fica decretado que o dinheiro não poderá mais comprar o sol das manhãs vindouras. Expulso do grande baú do medo, o dinheiro se transformará em uma espada fraternal para defender o direito de cantar e a festa do dia que chegou.

Artigo final. Fica proibido o uso da palavra liberdade a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será alvo vivo e transparente como um fogo e um rio, ou como a semente do trigo, e a sua morada será sempre o coração do homem.

AS MÃOS ENORMES



Estavam as mãos passeando a loucura pelos cabelos. Uma loucura ardente. Comprimíamos os lábios de raiva. Entretanto em cada casa dormiria uma criança construindo sonhos de cataratas nos limites do quarto. Uma criança porventura alheia ao sangue e às ruas nocturnas, vivendo o espanto desses sonhos inquietos.

"Na próxima primavera havemos de construir florestas assombrosas por dentro das cidades; florestas inexploráveis. Varreremos, assim, das ruas este ódio sangrento que há séculos se vem infiltrando e impurificando as nossas mãos enormes--olhem que enormes elas são!--feitas de propósito para amar. Com o seu poder inexplicável fabricaremos espuma de plantas silvestres para lavarmos nossos cabelos azuis".

Deslizando suavemente os olhos verdes pelas paredes e objectos da sala, Ventura, ergueu-se. Passeou uma das mãos pela sua abundante barba loira, entreabrindo os lábios, deixando aparecer à flor da pele um sorriso de angústia: "Companheiros, o nosso mundo é indesejável, dizem os grandes homens que dominam as estradas; quase ninguém compreende a nossa voz! Somos uma espécie de vermes de nojo, de quem ensinam ódio. Cai sobre nós pesada vigilância. Eles não nos querem poupar. Devemos ser cuidadosos quando pensarmos um cabelo azul ou um sol diferente, Podem de um momento para o outro deceparem-nos as mãos. Cuidado, amigos, ao pisarem as ruas destas cidades de medo!" Encostando à parede o velho violino da malta que há muito tem uma corda quebrada, Miguel, levantou-se, passando uma das suas mãos enormes (iguais às outras todas) pelo rosto. Deu dois ou três passos em direcção a Lena. Parou encostando-lhe os joelhos às costas. Tirou-lhe o livro que desde o

início da noite se entretivera a folhear, lendo-lhe o título mais por curiosidade do que por interesse. Em seguida comprimiu-lhe os ombros com os dedos, num afago longo, passando para os cabelos. Dos seus gestos podia-se bem copiar um fantástico poema e a fixá-lo para os vindouros, no tecto. Por fim, numa voz gasta e longínqua, disse, sequer erguendo os olhos do chão: "As nossas mãos... As nossas mãos enormes correm perigo! É urgente limparmo-lhes o sangue!", olhou em volta, verificando o efeito das suas palavras no rosto de cada camarada; comprimiu os lábios e calou-se. Depois, virou costas, acendeu um cigarro e foi-se sentar ao canto habitual, dedilhando levemente o velho violino da corda quebrada enchendo a cave de música.

Berta limpou da saia qualquer cinza de tabaco que porventura lhe houvera caído de algum cigarro. Depois, franzindo o cenho, quebrou o silêncio com quase um grito: "Mas como poderemos então limpar tanta imundície das mãos?"

A resposta ficou no espaço povoado de fumo, como era de prever; no entanto todos os olhos prometeram encontrá-la. Até o violino da corda quebrada, que Miguel dedilhava, se calou dando-nos a ilusão da sua aderência. A sua corda quebrada bamboleava-se, rastejante pelo chão.

Pedro, levantou os olhos do chão, percorreu as paredes, a velha mesa, o relógio de pêndulo longo e sem ponteiros; depois, voltou-se para os companheiros, pa-

.ra o violino da corda quebrada que voltava a ser dedilhado pelos magníficos dedos de Miguel, dando-lhe alento para maravilhosa música, Miguel conseguia música fantástica com seus dedos de espanto.

O silêncio não mais predominou na sala. Os sons, ora leves, ora agudos do violino de corda quebrada, enchiam a de música. Começamos a ter visões assombrosas do mundo, tudo se transformava em loucura, uma loucura doce e sobrenatural. Apertamos depois as mãos com quanta força tínhamos, e cantamos, cantamos. Um canto não de alegria, mas de raiva, uma raiva que dilacerava a carne dos nossos corpos viris.

A sala tinha desaparecido num ápice, nem sombras de paredes nos parecia limitar. Do chão cresciam mãos horrorosamente decepadas com vagas de sangue, de tamanho medonho, que nos envolviam os braços, e as mãos, e o corpo; e os nossos olhos gemiam de angústia: "vamos morrer afogados na maior batalha dos séculos!", pensaram. Aprontamo-nos para a morte sem o clássico heroísmo, para que não houvesse ligação entre nós e eles.

"Párem!", gritou de súbito Lena, compondo os cabelos em desalinho. "Assim é impossível!... Desta maneira, nada feito!"

Foi como uma bofetada no rosto recebida para que acordássemos daquela estranha loucura. Mas, de novo a música se apoderou de nós. Ninguém parecia disposto a calá-la. Porém, Berta, calou-a: "Ó Jorge, dá-me um cigarro!". Levantou-se, compondo a saia e aproximou-se de Jorge, tomando-lhe um cigarro do maço e acendendo-o no de outro companheiro. E o violino continuava no seu incessante convite à loucura, fazendo-nos abraçar longamente; bebêmos eufóricos, cantamos nossas mãos enormes, feitas de propósito para amar e entramos em delírio pela noite adentro, aguardando a madrugada que talvez nos sorrisse, que talvez nos trouxesse justiça às mãos.

Gaia, 1969

GONÇALO SOARES

de negro as nossas mãos enormes
com poros de aventura
oficialmente postas sobre mesas
oficialmente percebidas
oficialmente mortas
as mãos
as nossas mãos enormes
do tamanho do assombro

foram já a corrida dos rios de amor
o canto das aves o crescimento das
flores
o sonho o último sentido das cores
um barco desesperado de encontro
a um qualquer cais de fome

as nossas mãos enormes
capazes de construir florestas por
dentro da cidade

florestas inexploráveis
sem casas de escândalo
ou restos de cimento nos olhos
tristes dos pequenos moços de trolha

as nossas mãos enormes
feitas de propósito para amar

perseguidas oficialmente
mortas oficialmente
sobre mesas oficiais apodrecendo
como velhas andorinhas com lírios
no bico
aguardando aflitas um dia de ressurreiçã

ai as mãos
atingindo a loucura pelos cabelos
as nossas mãos enormes
feitas de propósito para amar.

gonçalo soares

PANORAMA TEATRAL

Todos nós temos assistido a um incremento cultural que se verifica em todos os sectores onde o pensamento humano transforma o quotidiano em arte. Essa desenvoltura intelectual claro que ainda não atingiu um nível de maturidade colectiva, direi mesmo que começa agora a ensaiar os primeiros passos, passos apertados, por vezes em bicos de pés, devido a um amarfanhamento tradicionalista das mentes que se lançam em busca da verdade, se bem que a arte seja uma estrada que nos leva através da fantasia, à descoberta de uma realidade rica de valores humanos. Logo a arte principia por ser uma mentira para depois nos apontar uma realidade, que mesmo quando isenta de atributos fantasiosos, aparece sempre colorida com os pigmentos circunstanciais, de lugar, de tempo, de estruturas, de vida humana. O teatro não fugiu, o que é compreensível, a esse interesse cultural que direi, salvo o lugar-comum, das massas. O teatro está em foco. Começa-se a distinguir bom e mau teatro. Divulga-se teatro dito sério pelos meios que modernamente transmitem informações. A lei governamental do país lança uns quantos parágrafos sobre os ditos problemas, tentando dar-lhes uma solução, que por falta de profundidade de acção, talvez demore bastante a conseguir fins positivos. Mas pondo o problema num aspecto mais concreto, pode perguntar-se como vão maus autores, maus técnicos, maus dramaturgos produzir bom teatro. Até há pouco um actor tinha duas, ou poucas mais, hipóteses de ganhar a vida, ou antes de viver: ou era realmente excepcional e mercê das suas qualidades alcançava lugares, mesmo assim difíceis, porque não havia teatro com frequência para os nove milhões, ou entregava-se a revista, que são raras luzes de génio aparece em muito poucos entre actos, não passa da afirmação de uma mediocridade, extenseiva desde a literatura à música e que resulta como espectáculo devido aos seus aspectos coreográficos, e correlativos, ao lado da atracção sexy e de "vedetas" mais ou menos contestáveis e detestáveis, idolatradas por um público estupidificado por longa ausência de interesses culturais mínimos.

Mas claro que o povo tem interesse pelo teatro; a afirmá-lo estão os grupos de amadores que por sua vez se confinam num amadorismo negativo, dado que se entregam a fazer arte sem saberem o que ela deve ser, vendo perdido mesmo natural disposição para o encontro de aspectos diferentes dado que apenas se reúnem depois de horas de trabalho em que o cérebro se habituou a trabalhar mecânicamente. Lógicamente que as peças que representam têm de ser de baixo nível em todos os seus aspectos. Porém, quando estes grupos logram aparecer num ambiente mais ou menos aburguesado, cultural e economicamente, quando a eles se juntam valores inicialmente fecundos, aí os temos a enveredar por um semi-profissionalismo, cujos interesses são os únicos de espectáculos de tipo revistheiro. Claro que há excepções, mas estas surgiram porque continuam a lutar com dificuldades, embora tendo na sua frente directrizes concretas e profundamente interessantes. Outro teatro com características especiais é o teatro das empresas fabris que também tem aparecido, mas cujo valor, bom ou mau, não está ainda apresentado suficientemente. Contudo, os poucos exemplos que se puderam verificar, levam a concluir que nem sempre os textos e autores escolhidos são os melhores e aqueles que poderiam contribuir para a elevação do operariado no campo social e cultural. Até porque são poucas as empresas cujo ambiente faz sentir ao operário que ele é um elemento vivo e pensante e não uma parte das máquinas com que trabalha.

Outro aspecto do teatro, ou antes da não existência teatral, é o ambiente escolar. Salvo as excepções dos tetos universitários e de outros estabelecimentos de ensino como os Institutos, verifica-se que o teatro a nível liceal é nulo, o mesmo se dando nas escolas Técnicas. Aparecem uns quantos gru-



algures no Vietnam

de Amélia Gonçalves Ferreira

Quem apanhará aquelas eapigas
Que deixam crescidas mas ainda imaturas?
Quem semeará os campos de arroz?

Filas cerradas de gente esfomeada
sobem colinas por entre a metralha.
No pó dos caminhos tombam de descanço
tenras criancinhas.
A sede é tortura, e o calor é intenso
sob o céu de chama.

Braços distorcidos das árvores mortas
já não dão frescura.
Das nunvens metálicas que encobrem o Sol
cai chuva de fogo, gotas mortíferas de aço.
Crateras ardentes devoram corpos jovens
e cadáveres insepultos apodrecem nos caminhos.

Gritam crianças, choram suas mães,
correm mais ainda, fogem desvairadas,
que a sombra da morte já cobriu os corpos
quase destroçados dos agonizantes.

Velhos camponeses olham tristemente
os campos de cinza, pão desperdiçado,
e não correm mais.

Para que fugir, se já estão mortos,
se as almas ficaram nos lares ancestrais?
Suas ruínas regaram com lágrimas de sangue,
lágrimas inúteis que não apagaram
as chamas do ódio ali ateadas em nome da paz.
Deixam-se ficar, sentados na berma,
Não esperam nada, já nada os interessa.
Recordam apenas os lares destroçados,
os lares dos seus filhos dispersos,
os lares de seus netos sem lar.

Continuai vós, crianças,
levantai vossos pés ensanguentados.

ALGURES NO VIETNAM (conclusão)

Limpai o suor dos rostos doloridos.
Talvez mais longa ainda haja um lar...
Um lugar onde o arroz cresça livremente
e haja braços sãos para o colher...
Onde os pássaros cantem sobre as árvores vivas
e meninos felizes brinquem sorridentes,
acenando alegremente aos aviões que passem...
Talvez mais longe, ainda haja pão
e as flores alegrem vossos olhos tão cansados ...
Onde as searas serão abençoadas
pelo suor fertilizante de homens livres...

Continuai vós crianças,
talvez além dos montes,
das colinas brilhantes da esperança,
talvez além do tempo,
haja um lugar para vós,
talvez...



Credo

Eu acredito num deus
que talvez seja eu próprio
dentro de mim,
naquilo que eu desejaria de essência perfeita
Meu credo é feito de pura reflexão
e o meu culto é um dia-a-dia
de pensar pelos outros.
O meu deus não é pedra, não é mito,
é aquilo que busco
dando aos outros o que de melhor há em mim,
aquilo em que mais acredito
de haver um deus em cada ser.
E sempre que alguém baixa o olhar
tendo nas pestanas a força do meu mal
eu digo bem alto dentro de mim
"ainda não és deus
e o teu poder
está na tristeza de quem sofre".

Rua

pos isolados, que por falta de estruturas, o que produzem é igual a nada, ou antes contribui ainda mais para uma alienação estudantil que nunca dá bons resultados nem próximos nem futuros. Logicamente a juventude que estuda, que podia e devia ter interesses culturais não vai ao teatro, porque não lhe interessa ou desconhece que o teatro existe. Aquele apoio que o teatro começou agora a ter da camada juvenil deve-se apenas ao interesse dessa mesma por ele, interesse que descobriu sozinho.

A nível de escola primária então a ausência é abaixo de nula, dado que as escolas nem sequer são um local acolhedor onde as crianças gostam de estar. As únicas janelas que estas têm para o mundo são os livros que lêem sem compreender. E os poucos diálogos representáveis que nêles aparecem são tão fastidiosos, alguns, que o interesse das crianças ficará confinado a uma pequena parte. E depois que pensarão os professores primários da importância da cultura teatral?

Outro aspecto que importa referir é o teatro televisionado. A televisão, que se pode considerar como um meio de comunicação com mais possibilidades de alcance social, até há pouco vinha a transmitir fantochadas teatrais, salvo algumas excepções que eram apresentadas sem critério e cujo fracasso era devido, assim ouvimos, muitas vezes a desinteligências entre os técnicos teatrais e os de televisão.

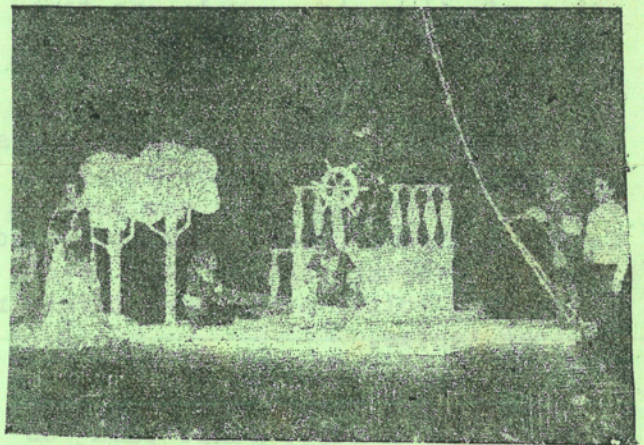
Porém ultimamente temos assistido a teatro com critério, estudado e apresentado por alguém que sabe de teatro, Luís Francisco Rebêlo, que vem dando ao público uma versão moderna do que há de bom no teatro em Portugal. E depois tivemos aquela história em episódios, realmente formidável, mas que estando o público habituado ao género folhetineiro, não apreciou devidamente. Talvez nem compreendesse.

Teatro telefónico é nome pompo-

so de mais para aquilo que realmente é transmitido com este título. Não passam de fotomodelos para comover meninas desamparadas nos sonhos amorosos. Até porque geralmente são financiados estes programas por fábricas de cosméticos. E há um velho ditado que diz: "quem se perfuma é porque cheira mal". Outras são financiadas sabe-se lá porquê? Por tudo menos por pessoas inteligentes e desejosas de fazer algo de útil. Deste estendal salvam-se alguns poucos exemplos apresentados pela emissora oficial. Mas tão raros...

Em rápida análise é este o aspecto do teatro no nosso país. Talvez o que aqui se diz não esteja absolutamente certo. Este é um ponto de vista, falível como todos os outros, mas que pretende prestar-se ao diálogo e a levantar os problemas. Evidentemente que há bons actores, bons técnicos, bons dramaturgos, bom teatro enfim mas não é isto o que frequentemente vemos. É preciso que os valores reais sobressaíam para o lugar que têm direito, e dos quais necessitamos, e que se limpem as ervas parasitárias que os impedem. Isso depende de nós, do nosso interesse, da nossa colaboração para um teatro novo e válido.

António de Rua



...são poucas as empresas cujo ambiente faz sentir ao operário que ele é um elemento vivo e pensante...

diga: NÃO

Careos Colégas:

Antes de mais, as minhas saudações. Para além do esforço, do qual eu me apercebo, que representa a edição de "Esboço" venho fazer umas críticas-sugestões que acho de interesse:

1º- Parece-me que seria muito bom que tivessem mais cuidado aquando da dactilografia da matriz porque daí achem os maiores defeitos (entre poucos defeitos) que tem o Esboço.
a) Erros. Por favor tenham atenção o facto de que é essencial saber-se português para dactilografar com perfeição uma matriz. Eu sei das dificuldades de encontrar um bom dactilógrafo, mas acho que deveis pensar

neste problema se quereis ver o nível da revista elevado.

Más mesmo com um bom dactilógrafo, escapam sempre erros (poucos). Um erro é uma coisa que causa péssima impressão num leitor. Mas existe uma solução para estes erros: é mobilizar um indivíduo por página com erros dando-lhe a chave dos erros para que ele os emende.

b) Delimitação da coluna. Este é outro aspecto da dactilografia que influi péssimamente--quando não tomado em conta-- no aspecto gráfico da revista.

2º-Paginação. Também existiram erros de paginação a que vós deveis estar mais atentos. Por favor não repitam a "graça" de escreverem um artigo ao longo de várias páginas para depois o fazerem voltar atrás para terminar outras tantas.

3º-Sugiro que depois das matrizes feitas dêem um certo tempo para os autores receberem os seus originais à procura de erros (de omissão que são os que muitas vezes influem mais no sentido das ideias).

4º-Penso também que deviam dar instruções a todas as pessoas que distribuem o "Esboço" para que estas

pessoas soubessem "localizar" o "Esboço" (se possível "localizá-lo" dentro de um movimento de jovens). Mas tenham cuidado que daqui podem advir inúmeros perigos. Sem mais e agradecendo a vossa atenção.

Um Jovem

Júlio Fernando M. de Castro

Lisboa, 22/1/70

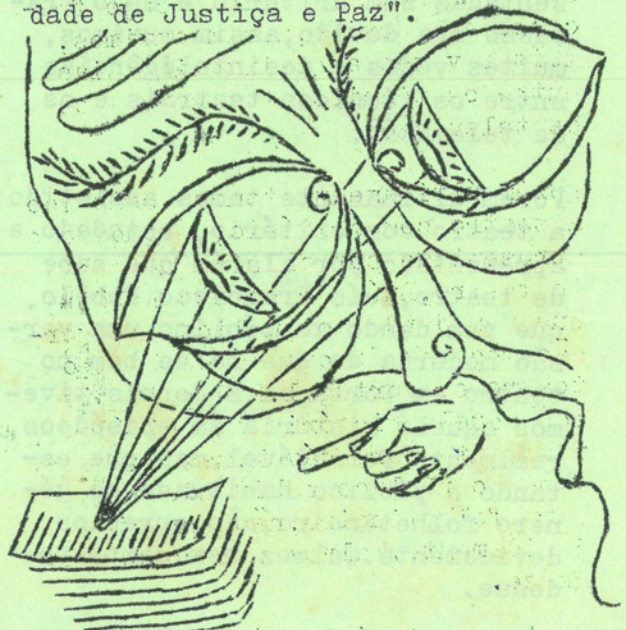
Prezados amigos, ..

"...tomei contacto com a vossa revista "Esboço". Fiquei bastante impressionado com ela e resolvi escrever-vos para assim me puder um dos vossos assinantes e se possível até um vosso colaborador (caso isto vos interesse). Gostaria então de poder tê-la o mais breve possível pois que aqui em Lisboa existem uns quantos rapazes que estão bastantes interessados nas vossas publicações."

"...desejos sinceros de felicidades e muita compreensão para que não acabem com a vossa obra que é verdadeiramente notável!"

Luís Fílipes Silva Carvalho

Recebemos do nosso Bispo D. Luís Rodrigues Pereira uma carta de apoio e de agradecimento pela edição de esboço-1. O nosso Bispo exorta-nos a continuarmos numa linha de independência e dena "luta por uma sociedade de Justiça e Paz".



as tremendas somas que são investidas nos planos de armamento. O contraste torna-se mais evidente se compararmos a contribuição de um país desenvolvido para todo esse plano de desenvolvimento económico do mundo com as suas despesas com a preparação da guerra: o caso da Inglaterra, por exemplo. Enquanto as despesas britânicas com a defesa militar atingem a cifra astronómica de 1 bilião e seiscentos e cinquenta milhões de libras, a sua contribuição para todos os planos internacionais de ajuda e assistência técnica ao mundo não vai além de 40 milhões de libras, ou seja cerca de 21/2 por cento das despesas com a guerra fria. E no entanto a Inglaterra está longe de querer liderar o movimento armamentista do mundo de hoje.

Foi a constatação destes factos que provocou a reacção de um grupo de parlamentares e outros grupos representativos do mundo britânico, manifestada sob a forma de um panfleto intitulado "Vendendo a paz". Neste panfleto redigido por Sir Richard Akland, Fenner Brockway e Leslie Hale, todos membros do parlamento os seus autores destacam "o absurdo de tão tremendas despesas para garantir uma segurança militar sempre precária, quando para manter a segurança económica e social do mundo não estamos expendendo quase nada". Em várias ocasiões a F.A.O. tentou obter a criação de um fundo de reserva alimentar de crise para lutar contra as epidemias de fome que devastam inopinadamente grandes massas humanas, mas até hoje não obteve o apoio dos países mais desenvolvidos para levar a efeito esse projecto. Embora reconheça a sua oportunidade e reais benefícios, estes países negam-se a participar nele sob a alegação da falta dos recursos disponíveis.

Há três anos na Presidência do Conselho deste organismo internacional, venho procurando o apoio internacional para a concretização material deste plano, mas até hoje não foi possível transformar este sonho em realidade.

A O.N.U. em Assembleia Geral, propôs pelas vozes dos representantes dos países subdesenvolvidos a criação de um organismo de Desenvolvimento Internacional desenvolvidas, mas teve de enfrentar a recusa dos países ricos em contribuir para o seu estabelecimento. Tanto a criação de um Fundo Especial das Nações Unidas para o Financiamento como a de uma Corporação Internacional de Financiamento, não encontraram eco entre os países mais ricos, ora absorvidos na sua própria defesa através da força das armas. Julgam estes defensores do desenvolvimento da força como um meio ideal para a defesa da paz, que somente depois de aniquilar o perigo do comunismo se poderia pensar em dedicar as disponibilidades economizadas com armamento, para combater em grande escala a miséria e a pobreza mundiais.

Como disse muito bem o Dr. Rómulo Almeida, Delegado substituto do Brasil na ultima conferência da O.N.U.: "Na medida em que o desenvolvimento económico destrói as raízes dos conflitos e inquietações económicas e sociais, traz à paz e segurança mundial uma contribuição importante e duradoura. Inversamente, na medida em que os dispêndios para uma segurança mais aparente do que verdadeira. Tal directiz equivaleria ao processo de apagar um incêndio numa casa soprando as chamas para dentro da casa vizinha."

Um grande número de personalidades britânicas também externaram os seus pontos de vista favoráveis à criação deste fundo, em desacordo com a decisão do governo britânico, numa publicação intitulada "É Hora de Despertar", divulgada pelo movimento de "Guerra À Miséria".

Mas mesmo as propostas de que se estabelecesse o Fundo em fases experimentais, para actuar de um modo limitado, não foram aprovadas.

É claro que estes factos, transmitidos e difundidos entre os povos menos afortunados do mundo, lhes dão um certo desencanto e não estimulam muito a sua confiança nos nos-

(conclusão da página anterior)

NOTA - A Crise Social e o desenvolvimento Económico do Mundo foi transcrito do livro "Ensaio de Biologia Social", Edição Brasília Editora a páginas 161

... os objectivos da defesa do património cultural da nossa civilização. A verdade é que neste património, quase que não damos nenhuma atenção nem valor ao sofrimento e às necessidades de um bilião e meio de seres humanos que lutam abandonados contra a fome, a miséria e as doenças que os assolam.

É bem significativo o título do panfleto britânico "É Hora de Despertar". Os países coloniais já despertaram e se empenham de corpo e alma na luta por melhores condições de vida alvô da revolução social dos nossos dias.

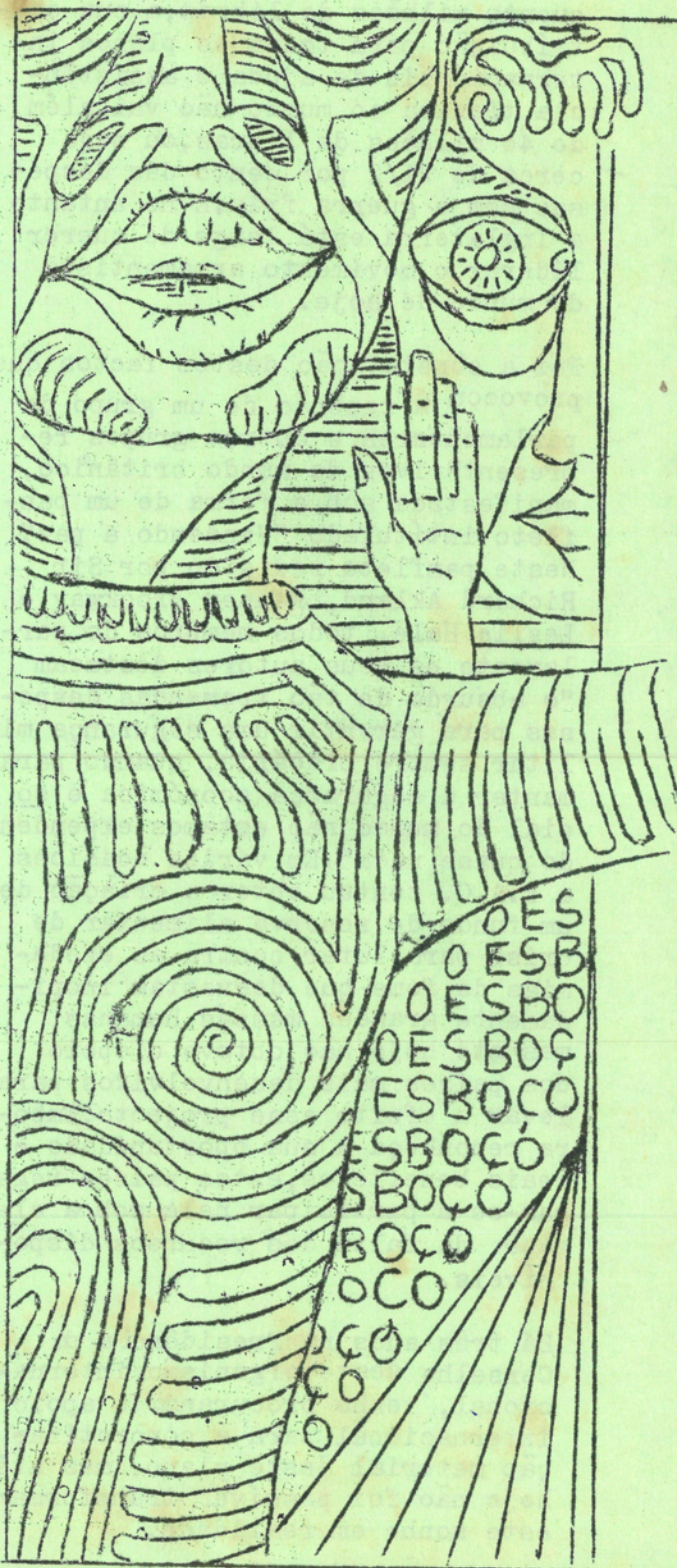
É preciso que os líderes políticos dos países bem desenvolvidos também despertem e tomem conhecimento do que se passa em todos os quadrantes do mundo para tomar posição decisiva nesta hora que não comporta mais um alheamento diante da intensidade do drama em representação.

Ou tomamos o partido dos pobres - o da revolução social em marcha - e como aliados os ajudamos a vencer a fome e a pobreza, ou nos colocamos contra as suas aspirações e anseios e nos arriscamos a ser esmagados no futuro pela sua revolta mais que justificada. Este o dilema dos nossos dias. Ou tomaremos o caminho dos sacrifícios e esforços pela obtenção de um mundo melhor - caminho da salvação - ou nos aliamos às forças do imperialismo desumano, à fome, à miséria e à bomba atômica - caminho da perdição.

Vivemos hoje uma hora de luta decisiva entre o pão e o ouro, simbolizando o pão a segurança e o ouro a especulação. E não podemos hesitar, nesta hora, em escolher o caminho a perconizar: ou salvamos o mundo dando pão aos que têm fome ou pereceremos sob o peso do nosso ouro acumulado à custa da fome e da miséria de dois terços dos nossos semelhantes.

Josué de Castro

Errata-(1)-pág 25 2ªcolua ,5ªlinha "para superintender e intensificar as actividades criadoras nas áreas pouco..."



Actividades Nacionais

... A SUA REVISTA !

ASSINE - A

DIVULGUE - A

Apartado 118

Telefone, 396033

VILA NOVA DE GAIA

PARQUE DA INDIA, L.^{DA}

ARMAZENISTAS

ERETALHISTAS

CASA ESPECIALIZADA EM CHÁ E CAFÉ

MERCEARIA FINA E GROSSA, SALSICHARIA,
FRUTAS SECAS, AMÊNDOAS, ARTIGOS DE
CONFEITARIA, DEPÓSITO DE QUEIJO DA
SERRA DA ESTRELA E OUTRAS MARCAS,
VENDA POR JUNTO E A RETALHO.

DESCONTOS PARA REVENDEDORES

RUA MOUZINHO DA SILVEIRA, 104 a 114

TELEFONE 25272

PORTO

Os estabelecimentos Electro - Visão

Agora também estão em VILA NOVA DE GAIA no 407, da Avenida Marechal Carmona, com a sua DISCOTECA e uma extraordinária Colecção de Rádios, Televisores, Gravadores de som, Frigoríficos, Máquinas de lavar roupa, Máquinas de lavar louça, Utilidades domésticas, etc., das marcas:

PHILIPS, — BOSCH, — GRUNDIG, — SONY, — BLAUPUNKT,
CASTOR, — INDESIT, — HOOVER, ETC., ETC.

E OS SEUS JÁ FAMOSOS PREÇOS, BRINDES E CONDIÇÕES DE PAGAMENTO

VISITE-NOS

estabelecimentos

ELECTRO - VISÃO

AVENIDA MARECHAL CARMONA, 407 — TELEF: 395 367

GAZCIDLA
PROPACIDLA
LUBRIFICANTES «CIDOL»

REPRESENTANTE EM V. N. DE GAIA

A. Soares da Silva

Avenida Marechal Carmona, 383

Telef. 390829 - 391537

AGENTES EM TODAS AS FREGUESIAS DO CONCELHO

GAZCIDLA

UMA CHAMA VIVA ONDE QUER QUE VIVA

Armazéns

TIZITA

SORTIDO COMPLETO DE MALHAS,
LANIFÍCIOS E CAMISARIA

ABRE BREVE NA

**CAVE - PRONTO
A VESTIR**

COM SERVIÇO DE BAR
RUA 1.º DE MAIO, 130
VILA NOVA DE GAIA

A CONFIDENTE

(CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 27 000 000\$00)

A MAIOR ORGANIZAÇÃO
DO PAÍS

COMPRA — VENDA
DE PROPRIEDADES

Colocação de Capitais

PORTO

RUA DE PASSOS MANUEL, 14-1.º
ANGULO DA RUA SA DA BANDEIRA
Telefs. 20 344 — PPCA

LISBOA

ROSSIO 3
ANGULO DA RUA AUGUSTA
Telefs. 369384